

Ensino e Geografia

A abordagem de gênero e o ensino de Geografia: possíveis diálogos com a formação de professores/as

Gender approach and geography teaching: possible dialogues with teacher training

Juliana Mendes de Moraes¹ , Vanilton Camilo de Souza¹ 

¹Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

RESUMO

A profissão docente suscita diversos debates que são relevantes para a elaboração de conhecimentos fundamentais para a prática profissional. Nessa perspectiva, no presente artigo se discute a importância da abordagem de gênero, a partir das interpelações das Geografias Feministas, na formação inicial e continuada de professores/as de Geografia. Recorre-se a essas interpelações por considerar que são fundamentais ao focalizar as espacialidades de grupos que até então não estavam em destaque. Ao considerar esse aspecto, compreende-se que as/os sujeitas/os se posicionam de forma diferente em suas relações com os lugares e com as práticas socioespaciais cotidianas. Nesse sentido, questionou-se como o gênero é abordado no ensino de Geografia na Educação Básica. Para contribuir com este debate, fez-se um levantamento de teses e dissertações no catálogo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para identificar os trabalhos até então produzidos. Identificou-se doze pesquisas produzidas em Programas de Pós-Graduação em Geografia do País entre 2005 e 2018. As discussões aqui propostas visam provocar o debate a respeito da existência e da pertinência de uma abordagem de gênero na formação de professoras/es, a partir das interpelações das Geografias Feministas, que visem superar concepções e entendimentos comuns no ensino do componente curricular quanto a essa temática.

Palavras-chave: Processo formativo; Docentes; Educação Geográfica; Geografias Feministas; Gênero

ABSTRACT

The teaching profession raises several debates that are relevant to the development of fundamental knowledge for professional practice. In this perspective, this article discusses the importance of the gender approach, based on the interpellations of Feminist Geographies, in the initial and continued training of Geography teachers. These interpellations are used because they are fundamental when focusing on the spatialities of groups that until then were not highlighted. When this aspect is considered, it is understood that the subjects position themselves in different ways in their relations with places and

with daily socio-spatial practices. In this sense, it was asked how gender is discussed in the teaching of Geography in Basic Education. To contribute to this debate, a survey of theses and dissertations was made in the catalog of the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) to identify the works produced so far. Twelve surveys produced in Programas de Pós-Graduação in Geography in the country between 2005 and 2018 were identified. The discussions proposed here aim to provoke the debate about the existence and the relevance of a gender approach in teachers training, based on the interpellations of Feminist Geographies, which seek to overcome common conceptions and understandings in the teaching of Geography regarding this theme.

Keywords: Training process; Teachers; Geographic Education; Feminist Geographies; Gender

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A profissão docente suscita diversos temas e debates, demandas de políticas públicas, orientações legais e normativas, cursos de formação inicial e continuada, pesquisas, entre outros, que dizem respeito ao desenvolvimento desse profissional. Em decorrência, destaca-se a importância de refletir e de produzir conhecimentos acerca do processo de formação inicial de professoras/es, considerando toda a sua complexidade, dentre as quais a gama de conhecimentos necessários para a sua prática profissional.

Este artigo se debruça na discussão de uma temática que ainda procura se firmar na formação docente em geral e, em específico, na formação de professores de Geografia, considerando que a abordagem de gênero por interpelações oriundas de reflexões decorrentes das Geografias Feministas contribui para a discussão dessa temática na educação geográfica. Tais estudos, por meio de variados questionamentos, principalmente relacionados ao status epistemológico da Geografia, abriram possibilidades outras para a análise de espacialidades de grupos sociais e/ou sujeitas/os¹ que até então não estavam em destaque (SILVA, 2009b, 2009c; SILVA *et al.*, 2013).

¹ Optou-se por utilizar o feminino e o masculino de algumas palavras enquanto demarcação de um posicionamento não excludente e nem universalista, conforme justificado por Grada Kilomba (2019, p. 14), em seu livro *Memórias da Plantação*, pois a língua “tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade”.

Evidencia-se uma provocação: como pensar outra perspectiva de discussão a respeito das relações de gênero no ensino de Geografia na Educação Básica que se relacione também com o processo formativo de professoras/es desse componente curricular? É um desafio que está posto, uma vez que há a necessidade do entendimento de que mulheres, homens, travestis e outras identificações de gênero se posicionam de formas diferentes – e com consequências – na relação com os lugares e com as práticas socioespaciais cotidianas realizadas, aspectos já indicados por Silva (2003, 2007) e Machado (2016), entre outros.

Considerando essa premissa, também é relevante compreender que o espaço escolar é atravessado por relações de gênero, a partir do entendimento de Silva (2009a, p. 137), quando esta afirma que a escola deve ser compreendida “como parte integrante da realidade socioespacial da cidade, que compõe relações e é por elas simultaneamente instituído”. É pensar nos corpos docente e discente ali incluídas/os, nas normativas e nas regras estabelecidas, nos espaços ocupados para as diferentes atividades que, mesmo inconscientemente, estabelecem papéis ou normas para cada gênero.

Em continuidade, os argumentos de Scott (2013, p. 332) são pertinentes quando se pensa a categoria gênero enquanto uma luta política, uma vez que ela é uma “lente de percepção através da qual nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino” que a escola e os conteúdos também indicam. Quando se propõe um ensino que contribua para que as/os estudantes pensem geograficamente a realidade em que estão inseridas/os (CAVALCANTI, 2012, 2019), o componente curricular de Geografia pode problematizar as relações de gênero em suas espacialidades para aquele objetivo.

Ao pensar nesse propósito, projeta-se também inquietações direcionadas ao processo de formação inicial de professoras/es de Geografia em uma abordagem desafiadora da questão de gênero no fazer geográfico. Nessa perspectiva, revisita-se alguns aspectos da relação gênero e Geografia, discutindo elementos já

investigados que poderão servir como possibilidades a serem incluídas na formação inicial e continuada de professoras/es desse componente curricular.

Para compreender a inserção da temática nesta ciência e estabelecer um panorama da temática nas pesquisas de pós-graduação em Geografia, fez-se um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e em trabalhos sobre a temática realizados por Faria (2018), Cesar (2015) e Silva *et al.* (2013). Esse procedimento foi importante para se observar os desafios e as lacunas que estão postos em relação à abordagem de gênero nesta ciência e, conseqüentemente, no ensino do componente nas escolas da Educação Básica.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: na primeira parte se discute a abordagem de gênero na ciência geográfica; na segunda, a relação entre escola e gênero, apresentando algumas pesquisas geográficas nesse sentido; e, por fim, a necessidade de inserção desta temática na formação de professoras/es de Geografia, observando-se os entraves encontrados.

2 GEOGRAFIAS FEMINISTAS E GÊNERO NA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA

Ao se discutir os estudos a respeito da abordagem de gênero na ciência geográfica, é relevante destacar o papel de pesquisadoras/es da área, dos laboratórios e grupos de estudo nas Instituições de Ensino Superior (IES), bem como dos referenciais teórico-metodológicos que vêm orientando as pesquisas nesta temática (SILVA *et al.*, 2013; CESAR, 2015; RATTIS *et al.*, 2016), como uma maneira de compreender a sua inserção na Geografia brasileira e que causam impacto na elaboração, difusão e divulgação de conhecimentos a respeito do assunto.

Inicialmente traz-se as proposições de Silva (2009b), que afirma haver uma impermeabilidade da inserção do gênero enquanto elemento importante para a análise geográfica. A autora afirma que, ao compreender “ausências, silêncios e invisibilidades do discurso científico é reconhecer que tais características não são

fruto de acasos, mas de uma determinada forma de conceber e de fazer a Geografia” (SILVA, 2009b, p. 58), o que reverbera na compreensão de como esta temática foi e está sendo tratada nesta ciência.

Entende-se ainda que, além da inserção de mulheres na produção científica, é fundamental a atenção quanto aos aspectos presentes no discurso geográfico brasileiro, a saber: a sua base eurocêntrica, “o apego à forma material do espaço” e o sujeito genérico e universal que ainda permanece nessa produção (SILVA, 2009b). São questionamentos que visam tensionar a Geografia que se conhece e se pratica nos cursos de formação pelo País.

Ao ter contato com uma variedade de pesquisas e levantamentos bibliográficos² a esse respeito e considerando as premissas indicadas, convém destacar que

surge e se mantém até hoje a ideia de que mulheres e homens, travestis e transexuais e outras identidades de gênero e sexuais, assim como pessoas que não se definem por um gênero ou pelo binarismo, estão situadas(os) de maneiras distintas no mundo e que são diferentes as relações que elas(es) estabelecem com os lugares (MACHADO, 2016, p. 64).

Ainda nessa linha de entendimento, Massey (1994), ao narrar uma experiência em uma galeria de arte, afirma que o sentido de lugar está também atravessado pelo gênero. Estas duas referências (MACHADO, 2016; MASSEY, 1994) e os trabalhos aqui mencionados são indicativos importantes da perspectiva de pesquisas que estão sendo desenvolvidas e que deveriam, de algum modo, passar por escrutínio no processo formativo de professoras/es de Geografia.

É preciso considerar concepções e entendimentos diversos que apontam as relações estabelecidas com o espaço, com suas apropriações e usos diversos, com as práticas espaciais realizadas cotidianamente, com os símbolos e significados estabelecidos, possibilitando outros tratamentos didáticos de alguns conteúdos de ensino. Ao apontar esses aspectos, deve-se ter em mente, conforme já indicado, a

² Aqui sugere-se a leitura dos trabalhos de Garcia Ramón (1989), Monk e Hanson (2016) e Silva *et al.* (2013), que apresentam um panorama a respeito das pesquisas e dos estudos a respeito da abordagem de gênero na ciência geográfica.

necessidade de questionar o discurso geográfico e compreendê-lo como dotado de uma perspectiva científica europeia, masculina, branca e heterossexual (SILVA, 2009b; RATTS *et al.*, 2016).

Cabem alguns esclarecimentos quanto ao uso do conceito de gênero, bem como da sua inserção na ciência geográfica. Para fins deste artigo, recorre-se a Scott (2019, p. 67), que concebe gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Assim, ter esse entendimento é também compreender que os lugares também são/estão atravessados por relações de gênero.

Ainda nesta perspectiva, Silva (2009c) traz cinco esclarecimentos necessários a respeito dessa categoria: não se deve confundir os estudos de gênero com os estudos de mulheres, pois há outras vivências não binárias e masculinas como foco de pesquisas; o conceito de gênero é oposto à categoria mulher; o uso desse conceito implica uma postura relacional entre feminino e masculino; pesquisar com base no conceito de gênero não significa necessariamente um engajamento político nas denominadas epistemologias feministas; e, por último, a adoção de uma perspectiva feminista não deve ser associada diretamente aos corpos praticantes do conhecimento.

Ressaltam-se algumas geógrafas que pesquisam o assunto e os entendimentos quanto ao tratamento da temática. Garcia Ramón (1989) indica que a geografia do gênero vai além do que se denomina como geografia das mulheres, uma vez que a primeira engloba as relações sociais entre homens e mulheres. Essa autora aponta aspectos positivos quanto à abordagem de gênero para a Geografia, quais sejam: os vínculos entre as esferas de produção e a estrutura patriarcal da sociedade, enfatizando as relações de gênero; o estudo do lugar e o trabalho doméstico, que evidencia a artificialidade da divisão entre a geografia econômica e a geografia social; e o fato de que os estudos das particularidades não estão desvinculados das categorias gerais de análise da ciência geográfica.

Silva (2014) menciona três eixos de abordagem do gênero nos estudos geográficos: o primeiro está centrado nos estudos das experiências espaciais das mulheres e fundamentado na diferença sexual dos corpos masculino e feminino; o segundo compreende o gênero como uma construção social e, conseqüentemente, relaciona-se com os papéis sociais de homem e mulher que lhes são atribuídos; e o terceiro segue a concepção de que o gênero é uma representação, uma ficção reguladora, pois se trata de atos performativos que naturalizam o masculino e o feminino.

Apontar esses aspectos mais gerais foi importante para o entendimento de que há elaborações teóricas que indicam outras possibilidades para se realizar uma análise geográfica considerando o gênero e que, diante de discussões nos espaços formativos, podem extrapolar as abordagens ainda vigentes. Assim como compreender que há diferenças nas maneiras como as/os sujeitas/os se apropriam e se relacionam com os lugares e se relacionam com a concretude das práticas espaciais estabelecidas cotidianamente. Essas que podem se converter em instigantes questionamentos, resultando no desenvolvimento de novas investigações, e que podem ser incluídas no processo de formação de professoras/es de Geografia como um meio para se pensar o ensino deste componente curricular nas escolas.

3 O GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR E NAS PESQUISAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA

Na seção anterior, foram indicados alguns aspectos referentes à inserção da abordagem de gênero na ciência geográfica. Ao se tratar da formação de professoras/es deste componente curricular, é relevante considerar as especificidades da abordagem, o entendimento acerca de seu tratamento neste campo disciplinar, bem como dos referenciais teórico-metodológicos então utilizados, para que se apresente enquanto possibilidade de estudos de situações geográficas para alguns conteúdos de ensino.

Agora, apresenta-se algumas discussões a respeito da temática na Educação Básica considerando o espaço escolar, bem como as/os sujeitas/os nele inseridas/os, constituindo toda uma complexidade que pode povoar os currículos de formação inicial e continuada de professoras/es, independentemente de qual componente curricular se trata. Levando-se em conta, é claro, a recente abordagem da temática na educação.

Para tanto, e relacionando com outras/os pesquisadoras/es do assunto, reforça-se o seguinte aspecto:

A escola delimita espaços [...] ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. [...] aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos (LOURO, 2014, p. 62).

Ao trazer esse entendimento acerca da escola e das relações estabelecidas, os apontamentos de Silva (2009a) devem ser enfatizados. Isto porque a autora afirma que naqueles espaços as relações de gênero são reproduzidas, no que se refere aos estereótipos de gênero e também a aspectos que podem chegar a casos de discriminação e de violência, permeando todo processo de ensino e aprendizagem.

Ainda acerca deste espaço, outras/os pesquisadoras/es apontam também para alguns rótulos que marcam trajetórias e as características da profissão. Retornando às proposições de Louro (2014), a autora empreende uma discussão a respeito da feminização do magistério e acerca das representações oriundas desse processo. Lins, Machado e Escoura (2016, p. 22) fazem a seguinte provocação a respeito da feminilidade no espaço escolar:

Quando pensamos nos critérios usados para definir um “bom aluno”, temos sempre em mente noções de capricho, atenção, determinação e obediência, adjetivos normalmente relacionados aos estereótipos de feminilidade. [...] o ambiente escolar ficou marcado como um ambiente feminino: ou porque acreditamos que nele se ocupam profissionais mulheres, ou porque comportamentos socialmente considerados femininos são mais valorizados na escola.

O que as/os autoras/es demonstram é que as questões de gênero estão presentes nas escolas em diversos contextos e situações, envoltas em aspectos que são naturalizados, criando normas e regras para enquadrar quem está naquele lugar. Salienta-se, ainda, que nada está dissociado da sociedade em que a escola está inserida. Portanto, é um assunto que merece uma elaboração teórica que subsidie professoras/es de Geografia em formação para uma abordagem em relação ao gênero que se diferencie do que vem sendo feito.

No levantamento realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, visando compreender a inserção da temática nesta ciência e estabelecer um panorama da temática nas pesquisas de pós-graduação em Geografia, selecionou-se como palavras-chave os termos 'gênero' e 'sexualidade'. A busca foi centrada nos títulos, resumos e palavras-chave de dissertações e teses produzidas entre 2005 e 2018. Os resultados direcionaram para pesquisas a respeito das espacialidades e territorialidades de mulheres e homens, trabalho feminino, mão de obra feminina, homossexualidade, heterossexualidade, masculinidade, entre outros, contribuindo para o entendimento das potencialidades da temática na ciência geográfica.

Objetivando uma articulação com trabalhos e discussões anteriores, que já tratam do mapeamento dos estudos realizados no País a esse respeito, como Faria (2018), Cesar (2015) e Silva *et al.* (2013), comparou-se as dissertações e teses levantadas inicialmente e selecionou-se aquelas que são atinentes ao ensino de Geografia e ao espaço escolar. Esse procedimento foi importante na medida em que revelou quais são os centros de produção destes estudos, as/os professoras/es orientadores, dados que podem ser visualizados no Quadro 1. Também foi possível, mediante a leitura dos resumos disponibilizados, dimensionar as abordagens teórico-metodológicas destas pesquisas.

Quadro 1 – Tese e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Geografia do Brasil

Continua...

Ano	Tese ou Dissertação	Título	Autor	IES	Orientador	Palavras-chave
2007	Dissertação	Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas	Lorena Francisco de Souza	UFG	Alecsandro José Prudêncio Ratts	Não foram informadas.
2008	Dissertação	Geografia e gênero: um estudo no contexto escolar	Telma Fortes Medeiros	UNIR	Maria das Graças Silva Nascimento Silva	Ensino de Geografia. Geografia. Gênero.
2010	Dissertação	Há homens que têm patroa. Há homens que têm mulher. E há mulheres que escolhem o que querem ser: perspectiva de gênero na Geografia	Gabrielle Pellúcio	UNIR	Maria das Graças Silva Nascimento Silva	Livros Didáticos. Geografia. Gênero.
2012	Tese	Geografia e educação: implicações do gênero no exercício da docência e na construção do espaço das escolas públicas estaduais de Manaus/AM	Aldeneia Soares da Cunha	USP	Rosa Ester Rossini	Educação. Escola. Espaço. Gênero e formação de professores.
2013	Dissertação	(Re) pensando o trabalho docente e a formação continuada de professores: o curso gênero e diversidade na escola	Juliana de Jesus Santos	UFG – Campus Catalão	Carmem Lucia Costa	Trabalho Docente. Formação Continuada de Professores/as. Gênero e Diversidade na Escola. Espaço-tempo. Vida Cotidiana.

Quadro 1 – Tese e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Geografia do Brasil

Continuação...

Ano	Tese ou Dissertação	Título	Autor	IES	Orientador	Palavras-chave
2014	Dissertação	Trabalho docente de mulheres em Goiânia -GO	Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano	UFG – Campus Catalão	Carmem Lucia Costa	Docência. Mulher. Trabalho.
2016	Dissertação	Espaço escolar, Geografia e homofobia: um diálogo entre educação, gênero e diversidade sexual	Carlos André Gayer Moreira	UFPEL	Liz Cristiane Dias	Geografia. Gênero. Sexualidade. Escola. Ensino.
2017	Dissertação	A produção do espaço escolar pelos discursos de um grupo de docentes sobre as relações de gênero e sexualidade em Chapecó	Flavia Rubiana Urgante	UFSM	Benhur Pinós Costa	Geografia Feminista. Espaço. Espaço escolar. Gênero. Sexualidade.
2017	Dissertação	'Na minha época as meninas estavam no comando': a constituição de feminilidades na escola de guardas mirins 'Tenente Antônio João', na cidade de Ponta Grossa, Paraná	João Paulo Leandro de Almeida	UEPG	Marcio Jose Ornat	Espacialidades. Feminilidades. Gênero. Guarda Mirim.
2017	Dissertação	As relações entre as vivências espaciais de alunas e alunos das instituições públicas de ensino médio regular e a reprovação generificada na cidade de Ponta Grossa, Paraná	Susana Aparecida Fagundes de Oliveira	UEPG	Marcio Jose Ornat	Espaço escolar. Reprovação. Juventude(s). Gênero.

Finalização

Quadro 1 – Tese e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Geografia do Brasil

Ano	Tese ou Dissertação	Título	Autor	IES	Orientador	Palavras-chave
2018	Dissertação	Geografia e gênero: história de vida dos docentes homossexuais das escolas públicas de Porto Velho	Gilceli Correia de Oliveira	UNIR	Maria das Graças Silva Nascimento Silva	Professores homossexuais. Escola. Relações de gênero. Sexualidade. Espaço/lugar. Espacialidade.
2018	Dissertação	Concepções de gênero e sexualidade no ensino de Geografia em escolas públicas de Goiânia, Goiás	Ruan Pinheiro do Nascimento Faria	UFG	Alecsandro José Prudêncio Ratts	Gênero. Sexualidade. Heteronormatividade. Ensino de Geografia.

Fonte: Organização dos autores (2020)

Os dados corroboram o que Silva *et al.* (2013) já haviam identificado: uma forte produção científica que se localiza fora dos centros mais tradicionais do País. E no levantamento ora apresentado, o destaque é para as seguintes IES: Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Universidade Federal de Goiás (UFG), UFG – Campus Catalão³ e Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Os resultados da busca apontam importantes articulações teóricas nas pesquisas localizadas, como: as espacialidades e trajetórias das/os sujeitas/os inseridas/os no processo educativo; o espaço escolar e os discursos produzidos relacionados a essa temática; as concepções de gênero e de sexualidade de professoras/es deste componente curricular; gênero no livro didático de Geografia; a formação de professoras/es e o trabalho docente.

Apesar da quantidade de investigações localizadas – 11 dissertações e uma tese, têm-se discussões em relação às abordagens mencionadas que poderiam ser,

³ Atualmente esta unidade se denomina Universidade Federal de Catalão (UFCAT).

em certa medida, discutidas em cursos de formação inicial ou continuada. Neste artigo, se apresenta em linhas gerais apenas três dos trabalhos mencionados no Quadro 1: dois referentes às primeiras pesquisas encontradas e o trabalho mais recente, como um modo de exemplificar o tratamento relacionado ao tema nas pesquisas geográficas, destacando o ensino e a educação geográfica.

A dissertação de Souza (2007), intitulada 'Corpos negros femininos em movimento: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas', traz, para a análise geográfica, importantes reflexões a respeito das professoras negras na cidade de Goiânia ao articular as categorias de gênero, raça e as trajetórias socioespaciais. Nas palavras da autora, o trabalho "visou considerar mulheres negras no ofício de professoras na sua maneira de conceber o espaço, suas relações com a cidade, com as pessoas próximas, no trabalho ou na vida pessoal" (SOUZA, 2007, p. 115), reverberando na construção da identidade de cada uma.

Buscar as articulações das categorias citadas é fundamental para o entendimento das práticas espaciais cotidianas das/dos sujeitas/os e, nesse sentido, como uma forma de potencializar o processo formativo com elementos para auxiliar a prática pedagógica de docentes deste componente curricular na Educação Básica. Aspecto já apontado por Christan e Souza (2020) sobre estas práticas se constituírem como uma dimensão de conhecimento geográfico de professoras/es e que podem e devem ser trabalhadas pedagogicamente em sala de aula.

Os estudos que apontam as concepções de gênero e de sexualidade de professoras/es e as representações de gênero no ensino de Geografia empreendidos por Faria (2018) e Medeiros (2008) são também importantes, pois situam a necessidade do debate da temática nos processos formativos. Apreender esses aspectos é fundamental para se perceber os entraves a respeito da inserção da temática no ensino. Nesta perspectiva, e considerando a complexidade do ensinar e aprender este componente curricular,

as especificidades quanto às relações de gênero e de sexualidade precisam ser ressaltadas, visto que são temas considerados tabus na

sociedade atual. Pensar sobre a maneira como se ensina e a construção de sentidos aos conteúdos escolares e sua apreensão no cotidiano da vida dos/as estudantes são elementos a ser avaliados para tal finalidade (FARIA, 2018, p. 117).

A partir desses apontamentos, constatou-se que a abordagem de gênero em sua relação com o ensino de Geografia, a escola e a profissão docente é recente, remontando à primeira década do século XXI, e que as pesquisas que estão em desenvolvimento se configuram como um desafio posto. Dentre elas, ressalta-se a tese de Tonini (2002) a respeito das identidades capturadas nos livros didáticos de Geografia considerando as questões referentes ao gênero, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nas palavras da autora:

Observo que as identidades que circulam nos livros didáticos têm sido produzidas, recorrentemente, por uma política de localização que tende a posicioná-las com significados cristalizados e essenciais no transcorrer dos textos. Tal constatação me permite perceber uma demarcação de fronteiras entre as identidades, possibilitando que elas sejam classificadas em oposições binárias [...] (TONINI, 2002, p. 31).

Os elementos apontados por essa autora a respeito desta abordagem nos livros didáticos são: o predomínio de um discurso masculino; a identidade das mulheres relacionada a partir da diferença sexual; a percepção de uma sexualização dos espaços; a mulher aparecendo para legitimação de dados estatísticos, principalmente relacionados aos estudos populacionais; definição de profissões que são consideradas predominantemente femininas; e, ainda, o estabelecimento de um padrão feminino calcado na sociedade ocidental (TONINI, 2002). Aspectos esses que ainda são encontrados nos livros didáticos deste componente curricular.

Trazer o trabalho de Tonini (2002) para se pensar na formação inicial de professoras/es decorre da necessidade de questionar esses recursos didáticos tão comuns nas salas de aula. Visa refletir acerca do discurso apresentado, das imagens utilizadas como ilustração de determinadas temáticas, da concepção de

Geografia das/os autoras/es, como as questões de gênero são abordadas e, não menos importante, propiciar que professoras/es em processo formativo tenham, por meio de conhecimentos elaborados ao longo do processo, autonomia no uso desses recursos em sala da aula.

Indicar que há uma relação estabelecida no espaço escolar referente às questões de gênero, que culminaram na realização de pesquisas mencionadas, significa dar um passo no entendimento de que existem possibilidades outras para se considerar esta abordagem para além do que foi identificado por Tonini (2002), por exemplo. É ter o entendimento de que, apesar de ainda pequenas, estas produções podem ser significativas para se pensar as relações de gênero em suas espacialidades e que, de algum modo, possam reverberar no ensino de Geografia nas escolas.

4 A ABORDAGEM DE GÊNERO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS: ELEMENTOS PARA UM DEBATE

As discussões empreendidas até o momento, a respeito da abordagem de gênero na ciência geográfica, visam subsidiar possíveis insurgências e, até mesmo, novas necessidades para o processo formativo de professores/as. Isto porque, ao considerar as assertivas de Roldão (2007) e Marcelo (2009), bem como o levantamento das teses e dissertações ora descrito, observa-se que a profissão docente se distingue por ser exercida por um grupo de pessoas que possui saberes/conhecimentos específicos com o objetivo de ensinar.

No caso de professoras/es de Geografia, acrescenta-se ainda a relação necessária entre os conhecimentos específicos da ciência e os conhecimentos didático-pedagógicos importantes para a atuação em sala de aula. Portanto, ao se pensar em uma abordagem de gênero em sua relação com a Geografia para o ensino na Educação Básica, que tensiona o que comumente é tratado no ensino – algo já apontado por Tonini (2002) em relação aos livros didáticos –, há que se considerar alguns limites ainda relacionados às discussões em âmbito acadêmico.

Monk (2011) discute aspectos importantes acerca do gênero na Geografia, considerando os aspectos organizacionais das IES, do ensino e das conexões necessárias com a comunidade e com os movimentos sociais fora das IES. São aspectos que se relacionam, principalmente, no que se refere ao estabelecimento dessas discussões no processo formativo. Assim, a autora apresenta uma série de questões que visam provocar inquietações ao se pensar a respeito de qual nível de ensino quando se fala em abordar essa temática na sala de aula: quais decisões devem ser tomadas para esse fim? Que influências do contexto participam fortemente dessa temática? Que apoios e resistências podem existir na efetivação do tema em sala de aula? Quais as estratégias pedagógicas necessárias a serem utilizadas? Além de ter sempre em mente a questão da diversidade de estudantes na escola/universidade, entre outras.

Entende-se que os questionamentos postos pelas Geografias Feministas a respeito desta abordagem na ciência geográfica são necessários, principalmente quando apontam as pluralidades de enfoque, bem como das/dos sujeitas/os em suas espacialidades. Isto porque se vislumbra possibilidades a mais que aquelas comumente associadas ao se tratar da temática, principalmente no ensino deste componente curricular.

Para tanto, a problematização dos currículos que orientam o processo formativo dos cursos de Geografia é relevante. Silva (2009b), em suas argumentações quanto à impermeabilidade do gênero nesta ciência, considerando o Brasil, aponta alguns aspectos encontrados nas ementas das disciplinas dos cursos por ela analisados. Ela afirma que

os planos curriculares da geografia brasileira não refletem a verdade socioespacial, porque realizam um tratamento unívoco e pretensamente neutro do espaço, potencializando o padrão masculino, tanto no privilégio de abordagens temáticas como no referencial teórico indicado (SILVA, 2009b, p. 74).

Em estudos posteriores, Faria e Ratts (2017) trazem outros apontamentos a respeito dos temas de gênero e sexualidade no currículo de cursos de graduação

em Geografia na formação inicial de professoras/es. Nesse trabalho, os autores apresentam um quadro com as disciplinas e suas ementas ofertadas em algumas universidades: Geografia, sujeito e cultura (Universidade Federal de Goiás – Goiânia); Gênero e práticas socioespaciais (Universidade Federal de Goiás – Catalão); Geografia e diversidades: gênero, sexualidade e raça/etnia e, Geografia urbana II (Universidade Estadual de Ponta Grossa); Geografia e gênero (Universidade Federal de Rondônia); Didática e prática docente em Geografia II (Universidade Estadual de Goiás – Itapuranga); Diversidade, cidadania e direitos (Universidade Estadual de Goiás – Quirinópolis); e Geografia cultural (Universidade Estadual de Goiás – Anápolis e Pires do Rio) (FARIA; RATTIS, 2017).

Ao verificar as disciplinas e as universidades indicadas pelos autores e confrontando-as com os dados do Quadro 1, nota-se uma correspondência entre as pesquisas realizadas com as IES citadas, configurando-se enquanto lócus importantes para a produção de conhecimentos a respeito desta temática na Geografia. Contudo, mesmo se considerando essa presença, ainda há um longo percurso a se trilhar e, também, uma luta política para que as discussões cheguem a outros espaços e a outras disciplinas curriculares relacionadas ao ensino e à educação para a formação de professoras/es.

É pertinente também citar duas políticas públicas implementadas ao longo dos anos, que visam, de alguma forma, a inserção das discussões de gênero e sexualidade nas escolas: o Parâmetro Curricular Nacional – Orientação Sexual, de 1998; e o curso Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-raciais, de 2009. Essas indicações reforçam a importância da temática para a educação brasileira nos períodos indicados e que, de alguma maneira, poderiam permear os conhecimentos necessários das/dos profissionais em formação. Considera-se que um dos conhecimentos relevantes na formação do/da professor/a diz respeito aos documentos legais e suas implicações para o exercício da docência em sala de aula, o que, conseqüentemente, reverbera no ensino de Geografia na Educação Básica.

A partir dos elementos apresentados, entende-se que o contexto de formação de professoras/es de Geografia, considerando a abordagem de gênero em suas especialidades, ainda representa um desafio. Também é necessário enfatizar a importância de entendimentos acerca dos conhecimentos da ciência geográfica e dos conhecimentos didático-pedagógicos que, em sua articulação com os conteúdos selecionados, são fundamentais para o ensino deste componente curricular na Educação Básica. Aspectos esses já apontados por Cavalcanti (2012, 2019), Copatti (2019), entre outros.

Entende-se, portanto, que a inserção da temática das relações de gênero no processo de formação inicial de professoras/es, levando-se em conta as provocações oriundas das Geografias Feministas, pode possibilitar outros tratamentos didáticos nos conteúdos de ensino. Conteúdos esses já identificados por Faria (2018) quando de sua pesquisa acerca das concepções de gênero e sexualidade de professoras/es de Geografia, dentre os quais se destacam: a) população, a partir das taxas demográficas então discutidas em sala de aula; b) desigualdade de gênero no País; c) violência; d) feminicídio e abusos; dentre outros.

Compreende-se, assim, que as discussões sobre gênero na escola podem contribuir para que todas/os entendam que as diversas relações estabelecidas com os lugares são permeadas por relações de gênero, com reflexos em suas práticas socioespaciais, uma vez que

A materialização dessas práticas que se realizam num movimento entre as pessoas e os espaços vai-se tornando cada vez mais complexa, e sua compreensão cada vez mais difícil, o que requer referências conceituais sistematizadas para além de suas referências espaciais cotidianas, carregadas de sentidos, de histórias, de imagens, de representações (CAVALCANTI, 2012, p. 36).

Contudo, é necessário que os momentos formativos para as/os professoras/es forneçam conhecimentos teórico-metodológicos e elementos conceituais que possibilitem um entendimento acerca das relações de gênero e das práticas socioespaciais, culminando no tratamento didático dos conteúdos de

ensino. Ainda não há um caminho claro em relação a esse aspecto, uma vez que as pesquisas neste sentido ainda são recentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a discussão ora proposta é complexa e não se esgota neste artigo. O que se pretendeu foi apontar a existência e a pertinência da abordagem de gênero na ciência geográfica na formação inicial e continuada de professoras/es, a partir das interpelações das Geografias Feministas, que visem superar concepções e entendimentos ainda muito comuns no ensino quanto a esta temática. Neste sentido, reforça-se mais uma vez os aspectos identificados por Tonini (2002) quando de sua investigação a respeito das identidades capturadas nos livros didáticos de Geografia referentes a gênero.

Essas interpelações jogam luz em outros questionamentos que são indispensáveis ao se trazer as questões de gênero para a ciência geográfica, principalmente aqueles referentes ao seu status epistemológico. Assim como os questionamentos quanto à base eurocêntrica que constitui esta ciência, ao seu apego à materialidade do espaço e, ainda, ao sujeito genérico e universal que ainda permeiam o discurso geográfico, de modo a fornecer outros aportes teórico-metodológicos que contribuirão para refletir acerca da prática docente e da abordagem de gênero em sala de aula. São revisões importantes, que devem ser realizadas para auxiliar e fundamentar novos estudos e novas análises abordando as relações de gênero e os fenômenos espaciais.

Nesta perspectiva, é possível a instrumentalização de professoras/es em formação no entendimento de práticas espaciais diversas como meio para o ensino deste componente curricular. Compreende-se, desta maneira, que os questionamentos são necessários para ampliar a leitura e a análise geográfica de mundo, de modo que considerem as espacialidades das/os diferentes sujeitas/os e que, conseqüentemente, reverberem no ensino de Geografia na Educação Básica,

interrogando conteúdos, materiais didáticos e projetos diversos que estão nas escolas de todo o País.

Aliado a isso, ao se ter o entendimento de que o espaço escolar é atravessado pelas relações de gênero, reconhece-se o caminho produtivo para a proposição de estudos, momentos formativos e pesquisas a respeito do assunto como uma maneira de produzir e de elaborar conhecimentos que contribuam para a prática da/do docente em sala de aula. A apresentação de algumas pesquisas e estudos realizados, ainda que timidamente na ciência geográfica e que se relacionam com a linha de ensino e aprendizagem, pode proporcionar um olhar para outros caminhos e possibilidades que podem ser trilhados pelos cursos de formação de professoras/es – aqui, levando-se em consideração tanto a formação inicial quanto a continuada. Assim, espera-se que a discussão ora proposta se torne uma provocação quanto ao estabelecimento, no campo de estudos de ensino de Geografia, de elaborações teóricas e metodológicas para que as/os docentes em formação e formadas/os possam vislumbrar outras alternativas para a abordagem de gênero neste componente curricular.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, L. S. **A geografia escolar e a cidade:** ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar pela geografia:** ensino e relevância social. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CESAR, T. R. A. O. **Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013.** 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

CHRISTAN, P.; SOUZA, V. C. Prática espacial cotidiana no processo de significação da aprendizagem em Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 20, p. 223-240, jul./dez. 2020.

COPATTI, C. **Pensamento pedagógico geográfico e autonomia docente na relação com o livro didático:** percursos para a educação geográfica. 2019. Tese (Doutorado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2019.

- FARIA, R. P. N. **Concepções de gênero e sexualidade no ensino de geografia em escolas públicas de Goiânia, Goiás**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- FARIA, R. P. N.; RATTTS, A. J.P. P. Estudo das disciplinas sobre gênero e sexualidade na formação inicial de professores e professoras de geografia. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 242-262, ago./dez. 2017.
- GARCÍA RAMON, M. D. Para no excluir del estudio la mitad del género humano: um desafio pendiente en geografía humana. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, n. 19, p. 27-48, 1989.
- LINS, B. A.; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1. ed. São Paulo: Reviravolta, 2016.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MACHADO, T. C. **A cidade das mulheres feministas: uma cartografia de Goiânia em perspectiva interseccional e da diferença**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Sísifo – Revista de Ciências da Educação**, n. 8, jan./abr. 2009.
- MASSEY, D. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- MEDEIROS, T. F. **Geografia e gênero: um estudo no contexto escolar**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.
- MONK, J. Colocando gênero na geografia: políticas e prioridades. *In*: SILVA, Joseli Maria; SILVA, Augusto Cesar Pinheiro da (org.). **Espaço, gênero e poder: conectando fronteiras**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011. p. 87-104.
- MONK, J.; HANSON, S. Não excluam metade da humanidade da geografia humana. *In*: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (org.). **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016. p. 31-54.
- RATTTS, A.; COSTA, B. P.; SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; SILVA, M. G. S. N.; SILVA, S. M. V. Geografia e diversidade: gênero, sexualidades, etnicidades e racialidades. **Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia**, [online], v. 12, n. 18, p. 229-244, 2016.
- ROLDÃO, M. C. Função docente: natureza e construção profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr. 2007.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-80.

SCOTT, J. **Os usos e abusos do gênero**. Tradução Ana Carolina E. C. Soares. Projeto História, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *In*: SILVA, Joseli Maria. **Geografiassubversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2009a. p. 135-149.

SILVA, J. M. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro. *In*: SILVA, Joseli Maria (org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2009b. p. 55-91.

SILVA, J. M. Gênero e espaço: Esse é um tema de geografia? *In*: AZEVEDO, Daniel Abreu de; MORAIS, Marcelo Alonso (org.). **Ensino de geografia: novos temas para a geografia escolar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 97-125.

SILVA, J. M. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. *In*: SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2009c. p. 93-113.

SILVA, J. M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 44, p. 177-134, jul./dez. 2007.

SILVA, J. M. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, verão 2003. p. 31-45.

SILVA, J. M.; ORNAT, M.J.; CESAR, T. R. A.; CHIMIN JUNIOR, A. B.; PRZYBYSZ, J. O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para a análise no Brasil. *In*: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (org.). **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p. 85-142.

SOUZA, L. F. **Corpos negros femininos em movimento**: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.

TONINI, I. M. **Identidades capturadas**: gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

Contribuições de autoria

1 – Juliana Mendes de Moraes (Autor Correspondente)

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás

<https://orcid.org/0000-0002-8537-8568> • jmmorais@tutanota.com

Contribuição: Escrita – Primeira redação, revisão e edição

2 – Vanilton Camilo de Souza

Doutor em Geografia, Professor Associado do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás

<https://orcid.org/0000-0003-2503-0997> • souzavanilton@gmail.com

Contribuição: Escrita – Primeira redação e revisão

Como citar este artigo

MORAIS, J. M. de; SOUZA, V. C. A abordagem de gênero e o ensino de Geografia: possíveis diálogos com a formação de professores/as. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, e20, v.26, 2022. Disponível em: 10.5902/2236499465813. Acesso em: dia mês abreviado. ano.